



**Tania Cremonini de Araújo-Jorge**  
**Curriculum vitae narrativo e circunstanciado**  
**Candidatura à presidência da Fiocruz 2017-2020**

#somostodosfiocruz; #naoemaisdomesmo

(curriculum vitae completo e atualizado:

[www.lattes.cnpq.br/1782386890431709](http://www.lattes.cnpq.br/1782386890431709)

***Um pouco da minha história e de minhas características pessoais***

Sou Tania Cremonini de Araújo-Jorge, filha de Armida, médica anestesista já falecida, e de Vinicius Araújo-Jorge, dentista aposentado, ainda vivo aos seus 85 anos, 45 de cardiopatia crônica. Minha família materna (Cremonini) mescla brasileiros de origem europeia e indígena radicados em São Paulo como imigrantes italianos (avô e bisavós). Minha mãe foi a primeira pessoa da família a ter nível superior, vindo de Sorocaba para estudar medicina no Rio de Janeiro em 1950, quando a faculdade da UFF só tinha duas mulheres na turma. Minha família paterna mescla seis gerações de brasileiros do nordeste e do norte, com muitos profissionais das áreas da saúde e do direito. Tenho 59 anos, sou divorciada, mãe de Luiza, Pedro e Julia e de mais 74 filhos “científicos” (no cv Lattes, e netos e bisnetos nessa categoria).

Sou médica por formação, cientista da saúde e educadora por profissão, ação e coração. A educação é minha prática diária, engajada. Desde que atuei no primeiro curso de férias na UFRJ, em 1975, até a coordenação da Área de Ensino da CAPES, função que exerço desde 2013 lidando com 150 programas de PG e mais de 3 mil docentes. Minha característica pessoal é a de mulher apaixonada pela vida, pela família, pelos amigos, e pelo trabalho na Fiocruz, onde ingressei em 1983, ainda no sistema CLT da época. A vocação pela ciência foi o motor da construção de carreira e sonhos. Na Fiocruz fui chefe de Laboratório (91-2005, 2013 até hoje) e de Departamento (97-2003). Fui membro da diretoria da Asfoc (97-98). Fui diretora do IOC (2005 a 2013), e atuei no CD-IOC e no CD-Fiocruz, fonte maior de meu conhecimento sobre a Fiocruz. Sou hábil em articulações, construção de pontes e vínculos. Até 2012 participei de todos os Congressos Internos e de diversas Comissões e Câmaras Técnicas. Tudo o que fiz como diretora, fizemos, no plural, e não no singular: fizemos o novo (relatório disponível<sup>1</sup>, e síntese ao final). Não fizemos mais do mesmo. Destaco inovações que marcaram minha gestão e inspirarão o mandato na presidência: Transparência, gestão participativa e diálogo institucional; Valorização de quem faz o produto final; Orçamento participativo; Condições e apoio para aumento geral da produtividade; Soluções inovadoras, a exemplo das bolsas do

---

<sup>1</sup> Gestão Tania no IOC 2005-2013: [http://www.fiocruz.br/ioc/media/RelatorioIOC\\_2005\\_2013.pdf](http://www.fiocruz.br/ioc/media/RelatorioIOC_2005_2013.pdf)

programa Fiocruz-Brasil sem Miséria e do Programa de Excelência em Pesquisa/Fiocruz-CNPq (PROEP/CNPq); Reforço à Política de Excelência (avaliações externas de laboratórios e projetos, programa da Qualidade. Essa experiência me dá segurança para enfrentar o desafio de assumir a presidência da Fiocruz.

### ***Motivação e compromisso com os trabalhadores da Fiocruz***

Percebo um sentimento de desencanto e angústia pela situação da Fiocruz e tenho a expectativa de poder contribuir para sua melhoria. Amigos e colegas me procuraram para propor e incentivar o registro da candidatura para essa Fiocruz de hoje, com seus 5441 servidores, dos quais 5297 servidores ativos e 144 com outros vínculos, os que terão direito a voto nas eleições. Sou um dos 992 pesquisadores e especialistas (42) que compõem 19% desse quadro; técnicos/tecnologistas se sobressaem na nossa força de trabalho, com 54%, totalizando 2924 profissionais. Analistas e assistentes somam 1207 servidores. Por isso, ao pensar numa narrativa para meu currículo e numa proposta para a Fiocruz, resolvi iniciar pelo tema de gestão de pessoas, partindo da escuta dos diversos segmentos e valorizando o que temos de mais precioso na Fiocruz: seus trabalhadores, sua saúde e suas condições de trabalho.

Digo isso com conhecimento de causa, pois promover a participação foi o que fiz de melhor na minha gestão, e escuta sensível e dialogia são temas em que junto teoria e prática, inclusive com produção acadêmica a respeito<sup>2</sup>. A prática de escuta sensível é uma filosofia, uma postura, uma proposta e um método de trabalho. Ela se completa com a promoção da criatividade e com a dialogia do riso, um conceito baseado na prática da educação popular que entende saúde como um recurso para poder viver (saúde para viver) e não como um objetivo do viver (viver para ter saúde). O diálogo é uma metodologia de reflexão conjunta, que visa melhorar a produção de novas ideias e compartilhar significados, essência da comunicação. A alegria é essencial para que desafios possam ser superados e inovações possam ser criadas.

Em 1987-88, integrei a Comissão Paritária de Cargos e Salários da Fiocruz, minha primeira atuação num colegiado da Instituição, para elaborar o 1º plano participativo de cargos e salários que a Fiocruz experimentou. Relembrar essa experiência me orienta a iniciar as propostas de política de RH justamente dinamizando a Comissão de Carreiras da Fiocruz, para aperfeiçoamento das nossas três carreiras, pesquisa, tecnologia e gestão em saúde pública. Há trinta anos venho buscando mais equidade, isonomia, qualificação e mérito nos processos de enquadramento e promoção. Queremos criar um Grupo de Trabalho para o Programa de

---

<sup>2</sup> Trabalhos de nosso grupo sobre escuta sensível e dialogia do riso:

<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n25/a07v1225.pdf>  
<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n10/a18v16n10.pdf>

Educação Permanente, criando condições de desenvolvimento e qualificação dos servidores e atingindo toda a diversidade de trabalho da Fiocruz. Tenho ouvido de colegas que 80% dos problemas da Fiocruz acontecem por falta de uma política de RH. Elaborar e implementar essa política será uma prioridade, pauta do Congresso Interno que convocaremos logo no início do mandato. Por que a minuta da política de RH para a Fiocruz já preparada pela Direh não foi desdobrada, discutida nem implementada? As Unidades praticam políticas diferentes quando a Fiocruz deveria ter uma diretriz para todos. Continuam faltando critérios para remoção, participação em treinamento, liberação para pós-graduação, pós-doc, entre outros.

Como diretora trabalhei com muitos profissionais da gestão, analistas e assistentes, e percebo como é primordial sua valorização. Qualquer ação que vise proporcionar um ganho para estes profissionais será uma bandeira para nós. Exemplos de ações No IOC incentivamos a titulação dos nossos servidores de gestão, fizemos o primeiro PDG (Plano de Desenvolvimento Gerencial) próprio, e uma política de alocação de vagas nos concursos de modo a profissionalizar e estabilizar a gestão. Queremos uma gestão forte e ativa na Fiocruz.

Todo um contingente de trabalhadores espera ansiosamente pela regulamentação do Reconhecimento de Resultado de Aprendizagem (RRA) e da Retribuição de Titulação-RT, que não foi feita pela presidência. Afinal, para essas carreiras, a titulação de mestrado ou doutorado não é necessária em termos de atividades no trabalho; é apenas mais uma possibilidade. Tenho exemplo em casa, pois minha filha mais velha, professora no Colégio Pedro II, recebe sua RRA e só agora iniciou um doutorado, por vontade pessoal, e não motivada por remuneração. Por que a Fiocruz demora quando outras autarquias públicas já praticam essa política há vários anos? Não se justifica, e aceleraremos os procedimentos necessários.

Cabe também registro da grande mudança que significou na Fiocruz a entrada de mais de 2 mil novos servidores nos concursos dos últimos dez anos, duas delas ingressantes no meu laboratório, por escolha própria. É incrível que concursos tão volumosos não tenham solucionado em definitivo os problemas de recursos humanos de nenhuma Unidade, pois as vagas foram pulverizadas no conjunto da Fiocruz, também mudada numa escala nunca vista, e a nosso ver insustentável. Venho lutando para a realização de concursos de forma unificada e em pequena escala, de acordo com a natureza da função, e em novo formato. Tenho defendido que os concursos busquem substituir os mais de mil servidores que estão se aposentando, ao invés de simplesmente substituir terceirizações. Isso é essencial para suprir as demandas de força de trabalho na Fiocruz. Mas o que temos visto é muito mais expansão e gigantismo, e fragilização do quadro funcional de Unidades mais antigas por inúmeras aposentadorias e mortes sem substituição. Outra questão relevante, que vivi com todos os trabalhadores que

comigo atuam, foi a perda de adicionais de insalubridade e a crescente incidência de adoecimento. Queremos realizar um diagnóstico sobre o quadro real da saúde do trabalhador da Fiocruz, e retomar o projeto político original do Fiocruz Saudável, abrangendo trabalho, ambiente e saúde do trabalhador, integrando todos os atores desses processos na Fiocruz. Imunização adequada, exames periódicos e equipamentos de proteção individual e coletiva é o mínimo. Priorizei o Programa de Biossegurança no IOC que virou uma referência para toda a Fiocruz. Precisamos criar/aperfeiçoar um plano de contingência para acidentes químicos, físicos e biológicos e, junto com a ASFOC-SN, criar os mecanismos que garantam a participação efetiva dos trabalhadores na gestão das ações de promoção, assistência e vigilância nos ambientes e processos de trabalho.

Outra questão que me toca muito diretamente é a carência de creches, inclusive nas regionais. Mãe de três filhos criados em creches, sei o diferencial de uma creche de excelente qualidade. Minha filha mais nova, hoje com 24 anos, foi da creche Fiocruz, e eu guardo muito boas relações com os pais daquela época. Cabe destacar também a importância dos esforços para consolidar e otimizar o transporte coletivo, inclusive nas regionais, tendo em vista o diferencial em qualidade de vida que isso traz. Não sou usuária direta deste serviço, mas tenho muitos colegas de laboratório que asseguram o quanto ele é relevante para a Fiocruz.

Mas além dos servidores eleitores, a Fiocruz não existiria sem seus estudantes e terceirizados. Confesso que o número de mais de 3 mil estudantes me é familiar, pois atuo como docente nos cursos de minha Unidade. Mas é absolutamente impressionante o número elevadíssimo de terceirizados, 7099 pelo boletim do SEINFO/DIREH de 15/06/2016, 130% a mais do que o quadro RJU. Fico surpresa pois acompanhei os concursos cuja diretriz era a de redução e substituição de terceirizados. No IOC, para 690 servidores, temos apenas 247 terceirizados, ou seja, apenas 25% do quadro. A política que lá implementamos é oposta diametralmente à praticada pela Presidência e pelas Unidades diretamente a ela vinculadas, que totalizam o número impactante de 3508 terceirizados entre Presidência (257), Diplan, Dirad e Direh (881), Dirac (2268) e Direb (102). Achamos que os critérios de terceirização devem ser unificados, os dados, salários e postos de trabalho precisam ser disponibilizados com transparência, e uma mesma política unificada de terceirização deve ser praticada na Fiocruz. E com relação aos estudantes, achamos essencial valorizá-los, com assento no CD-Fiocruz por meio da APG (Associação de Pós-Graduandos da Fiocruz, direito a voz), e construir uma política de assistência que contemple a dimensão de demanda de bolsas e de apoio para transporte, alimentação, alojamento para alunos estrangeiros e de outros estados, dentre outras demandas. Também fiz diferente, ao criar e implementar os Fóruns de Integração de estudantes

do IOC, que inclusive deram origem à sua organização independente por meio da APG. Também os terceirizados, pela sua dimensão e peso na Fiocruz, deveriam ter uma Associação representativa com assento e voz no CD Fiocruz. E os usuários dos serviços assistenciais das Unidades da Fiocruz, organizados ou não em associações como as já existentes, também deveriam ter assento no CD Fiocruz. Mesmo que, como presidência, implementemos convite e direito a voz, achamos importante que o tema seja tratado e deliberado no Congresso Interno. Em minha experiência na CAPES vejo novos exemplos de universidades públicas, autárquicas, que já incorporam segmentos da comunidade em seus órgãos colegiados. E foi extremamente salutar a presença dos portadores de doença de Chagas, através de sua Associação, pela primeira vez em 52 anos de congressos de Medicina Tropical, trazendo para a academia a realidade dos pacientes.

Como podem ver pelo início deste texto, não sou de me calar nem de me omitir, e sou reconhecida por nunca partidarizar minhas ações. Disputei dois pleitos eleitorais na minha Unidade com outros colegas e após as eleições trabalhamos juntos pelas ações e pela unidade institucional. Alguns inclusive estão aderentes à nossa candidatura este ano. Defendo que na Fiocruz não há oponentes, há profissionais, por vezes com ideias e propostas diferentes. Não vamos nessa eleição entrar num ringue. Findas as eleições, todos continuam a trabalhar aqui. Vamos debater projetos e disputar votos, próprio da democracia, sem pressões ou assédios, sem medo de escolher o melhor para todos. A Fiocruz já viveu seis experiências de eleição interna para a lista tríplice, desde a primeira edição, em 1992, quando 5 candidatos se apresentaram, passando pelas de 1996 e 2000 com 4 candidatos. Múltiplas candidaturas enriquecem o processo com a diversidade de pensamentos e visões.

### ***Trajetória na pesquisa para o SUS (ou um currículo não Lattes) e na assistência***

Nessa narrativa, quero registrar em paralelo observações sobre a pesquisa e a assistência na Fiocruz. Ingressei na Fiocruz em 1983, há 33 anos, após longa formação na UFRJ, onde me formei médica em 1980, Mestre em 1983 e Doutora em Ciências em 1987. Ingressei num cargo de “Médico 20 horas” do IFF que foi transferido e transformado em “Pesquisador 40 horas” IOC, com o mesmo salário. Isonomia salarial nos planos de cargos da Fiocruz seria uma conquista coletiva posterior na Fiocruz, luta em que militei.

Fiz meu percurso científico da IC ao doutorado nos laboratórios do Instituto de Biofísica da UFRJ, onde fui profundamente influenciada por mestres como Raul Machado, meu primeiro orientador, Carlos Chagas Filho, Darcy de Almeida, Leopoldo de Meis, Jorge Guimarães, Roberto Lent, George dos Reis, Nazareth Meirelles e Wanderley de Souza, meu orientador em mestrado e doutorado. Com este aprendi muito do que pratiquei e pretendo

praticar na Fiocruz, pois ele equilibra a atividade de bom cientista e de gestor corajoso em instituições de ensino superior, sempre com apoio à Educação Básica. Hoje, na diretoria da Finep, tem me ajudado na reflexão de questões e propostas para os desafios que me aguardam.

Minha formação nas décadas de 70-80 transcorreu em paralelo à minha atuação no movimento social, quando participei da luta pela redemocratização do país, pela anistia, pela democratização da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro (fui professora de ensino médio por 4 anos antes de ingressar na Fiocruz), e pela construção dos novos partidos políticos. Fui do grupo que, em 1982, fundou o Espaço Ciência Viva -ECV, primeiro museu interativo de ciências no Rio de Janeiro, percursos das atividades de popularização em praças públicas, escolas e favelas. Convivi com Sérgio Arouca durante sua gestão e com ele fui responsável pela inserção da divulgação científica na Fiocruz. Oficialmente, por convênio assinado por Arouca, eu podia desenvolver atividades no ECV como se estivesse em um laboratório da Fiocruz, sem restrições de horário. Data desta parceria o primeiro “Domingo de Ciência e Arte em Manguinhos”, em 1988, trazendo a população para explorar o campus e vivenciar atividades de arte e de ciência, que mais tarde viriam a ser uma marca de minha atividade como pesquisadora e docente, e abririam caminho para os eventos do *Fiocruz pra Você*. Atualmente essa experiência se desdobra na condução das *Expedições Fiocruz por um Brasil sem Miséria*, quando temos levado cursos e eventos de divulgação científica a cidades que lutam pela redução da pobreza. Fizemos 6 expedições desde 2012, em Paudalho-Pernambuco, Rio Branco-Acre (duas vezes), Miracema e Manguinhos -RJ, e Quixeramobim no Ceará, sempre em parceria com movimentos sociais e com os setores de educação, saúde, cultura e desenvolvimento social locais.

Em 1989 obtive licença para fazer o pós-doutorado no exterior, regressando no ano seguinte. Vivi na Bélgica e trabalhei, lá e na França, durante a queda do muro de Berlim e o bicentenário da revolução francesa, reencontrando o palco de muita História de guerras e luta pela democracia. Nesse mesmo ano uma Comissão de Avaliação na Fiocruz me reenquadrou como Pesquisadora Adjunta, pois até então eu permanecia como Auxiliar de Pesquisa, conhecendo na pele os problemas do enquadramento funcional em nível inferior ao merecido e esperado. Os frutos desse trabalho foram colhidos a partir de 1992, com publicações e com a aprovação do meu primeiro laboratório, por avaliação externa, o Laboratório de Biologia Celular. Atualmente o CV Lattes lista 132 artigos publicados, 99% dos quais em equipe com meus colaboradores e estudantes, 5 livros organizados, 39 capítulos em livros e alguns prefácios. Passei a trabalhar então com pacientes com doença de Chagas, além de modelos experimentais e in vitro. Hoje coordeno o ensaio clínico de selênio para a cardiopatia crônica, e

pelos contatos com os colegas do INI e do IFF conheço razoavelmente bem seus problemas centrais: um esgotamento da ilusão das obras inalcançáveis numa geração. Os dois hospitais da Fiocruz, bem como os demais diversos Ambulatórios e Laboratórios de Referência, precisam ter suas atividades priorizadas, valorizadas e integradas. Vamos fazer um amplo debate sobre as reais condições de obras e investimentos, sobre as opções de adequação de instalações e de mudanças de prédios, buscando construir a visão dos servidores relativa ao complexo hospitalar e a possibilidade de mudança de seus atuais locais, inclusive podendo aplicar plebiscito para tal decisão. Dentre os temas destacados na escuta a esses colegas, incluímos os processos de Acreditação não se viabilizaram, graves problemas de recursos humanos e conflitos de carga horária não resolvidos, a informatização hospitalar inconclusa, as Residências, os Mestrados Profissionais e os demais tipos de formação de pessoas que precisam ser fortalecidas. Queremos identificar talentos, competências e vocações, através da Direh e SEGETS, e reforçar os quadros dos hospitais e reduzir a dependência de terceirização.

Nesse trajeto da bancada ao leito e ao ambulatório, a pesquisa translacional, percorri muitos caminhos e projetos, da biologia de plantas e do peixe elétrico do Amazonas até as proteínas inflamatórias e as terapias inovadoras para doenças negligenciadas e as tecnologias sociais para superação da pobreza. De 1985 até hoje tenho sido bolsista de produtividade do CNPq, ininterruptamente, e meu último projeto foi aprovado em 2015. Também fui da primeira leva de Cientistas do Nosso Estado da Faperj. Formei mais de 50 mestres, doutores e pós-doutores, e tive dezenas de alunos de iniciação científica e especialização. Estabeleci forte rede de interações na América Latina, Europa e Estados Unidos, e sobretudo no Brasil.

Como uma de minhas propostas de gestão se refere à construção de redes e parcerias na Fiocruz, destacar algumas com protagonismo direto: (i) em 1996, num Papes IOC – CPqRR com Zigman Brener, Rodrigo Correa de Oliveira e Álvaro Romanha; (ii) Em 2000, construindo dois programas integrados: o temático, de doença de Chagas (PIDC) e o instrumental, de Citometria de Fluxo (PICF). Na atual crise econômica que vivemos, pretendemos estruturar a pesquisa e a inovação na Fiocruz com integração e cooperação. Faremos um congresso setorial para analisar os avanços e problemas de PD&I, de modo a que todas as Unidades possam perceber sistemicamente esse setor, e sua relação com os demais, buscando juntas as soluções. Fomentaremos projetos, credenciaremos laboratórios e asseguraremos um orçamento básico de sustentação das atividades relevantes, incluindo as diversas plataformas e custeio de animais de experimentação e de pesquisa clínica. Para projetos de PD&I organizaremos programas inter-Unidades, temáticos, em edital PAPES. E aproveitaremos melhor as oportunidades em parcerias e cooperações como BNDES e instituições internacionais.

Outras experiências que vivenciei de integração na Fiocruz foram a criação coletiva do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde do IOC/Fiocruz, em 2003, uma parceria com outras cinco Unidades da Fiocruz, e os convênios da Fiocruz com o Instituto Nacional do Câncer e o Instituto Nacional de Cardiologia. Em 2009 minha equipe credenciou no IOC um novo laboratório, de “Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos”- LITEB, com a vertente de Desenvolvimento Tecnológico, - da qual deriva o termo “inovações” no título - que tem produzido pesquisa e patentes em biotecnologia, junto com tecnologias sociais e educativas, além de contribuir com políticas públicas. Meu primeiro laboratório tem DAS 101.1 da estrutura oficial do IOC, pois é anterior ao decreto com o organograma da Fiocruz. Meu atual laboratório tem uma bolsa Fiotec de Coordenação, que tenho recebido desde que reassumi a chefia em 2013, após encerrar o mandato na diretora. Nos 2 meses da campanha eleitoral, solicitarei a suspensão dessa bolsa e realocação para minha substituta na chefia. E meu substituto na CAPES me representará nas funções de Coordenadora de Área no Conselho Técnico Científico do Ensino Superior (CTC-ES), mas para essa função não há nenhuma remuneração. Tenho atuado como assessora do CNPq e outras agências nacionais e internacionais e do TDR/OMS. Minha atuação como coordenadora geral pro-tempore da Área de Pós-Graduação em Ensino da CAPES em 2013, e membro do CTC-ES, me valeu a indicação pelos coordenadores dos programas para o mandato 2014-2017. Meu compromisso é conduzir a avaliação quadrienal da Área, hoje com mais de 150 programas, e desenvolver para isso os instrumentos necessários, como documentos, Qualis e outros insumos.

### ***Contexto da candidatura e um olhar cuidadoso para assistência e as ameaças para o SUS***

Em 2012, julgávamos que a democracia estava consolidada em nosso país, pois vinham acontecendo eleições regulares, o sistema de ficha limpa estava sendo implantado, e o STF havia protagonizado importante ação no julgamento histórico da ação penal 470. O país avançava no plano internacional para a 6ª economia mundial pelo PIB total, mas ainda estava no 72º lugar no ranking da OMS de gasto per capita em saúde, no 84º lugar pelo IDH e no 88º lugar no ranking de educação da Unesco.

Nesses quatro anos muita coisa mudou. O Brasil vive uma corrosão de sua democracia, profunda crise econômica, caiu para a 8ª economia do mundo, e há grande ameaça aos avanços obtidos na redução de desigualdades e na construção do Sistema Único de Saúde. A PEC 241 é o melhor exemplo dessa ameaça. Importantes determinantes sociais da saúde, como renda, educação, saneamento e moradia, que vinham melhorando para a maioria da população, estão ameaçando recrudescer. A crise socioambiental mundial e o contexto do modelo de crescimento econômico adotado no país (agronegócio e grandes empreendimentos) geram

contrastes: processos de trabalho que aliam tecnologias de ponta e situações de extrema agressão à saúde humana e ao ambiente. A transição epidemiológica avança, com as doenças crônicas como hipertensão, diabetes e câncer assumindo cada vez maior peso nos indicadores de saúde e se superpõem a novas e antigas doenças que o desenvolvimento socioeconômico brasileiro ainda não resolveu, tais como dengue, hanseníase, esquistossomose e outras doenças derivadas da pobreza e perpetuadoras desta condição. Agora associadas à emergência sanitária representada pela zica e chikungunya, ponta do iceberg da crise sanitária. É válido o que eu escrevia na minha candidatura de 2012: “...se ficarmos sob a lei da inércia, comemorando conquistas isoladas, vão nos empurrar para uma nova divisão internacional do trabalho e dos saberes. Os que originaram a crise estão tentando fiar sua superação com uma política de corte de direitos, redução de investimentos sociais e de precarização das categorias proteção e trabalho como condição de existência digna da humanidade”. Vamos gerir a Fiocruz nesses tempos, que exigirão sabedoria e democracia para acertar mais e errar menos, após pensar e decidir juntos. E gestores qualificados, num quadro forte e competente de analistas e assistentes de gestão. Por isso vamos convocar de imediato nosso Congresso Interno e sua pauta será ponto do debate trazido por nós como proposta.

Ter um orçamento participativo que aloque os recursos necessários para prioridades reais e necessidades crônicas. Aumentar o diálogo com todos. Ouvir e ser sensível às críticas. Curto e simples: arrumar a casa para avançar coesos, integrados e com transparência nos projetos, processos e resultados. Isso deverá levar a Fiocruz a crescer com sustentabilidade, alocar recursos financeiros em empreendimentos prioritários definidos de modo participativo, possibilitar alocação de pessoal de modo a consolidar o mais prioritário, não pulverizar vagas de concurso sem resolver definitivamente nenhum problema, qualificar espaços físicos para superar seu caráter obsoleto e inadequado para a maioria dos trabalhos de pesquisa, de referência e de assistência. Um olhar cuidadoso para a assistência e para a pesquisa, que são tão importantes quanto a produção e, equilibradamente, estavam no DNA de nossa criação. Precisamos encarar os problemas de frente e encontrar soluções sustentáveis para eles, pactuadas entre todos. Estamos oferecendo esta opção porque a Fiocruz precisa e merece. Trazemos a ousadia de mudar, e de mudar juntos. Recuperar o prazer e a alegria de ser Fiocruz. Somos + Fiocruz.

Em nossa escuta a diversas unidades este ano reencontramos a expectativa por mudança e por isso rerepresentamos nossa candidatura. Com força e vigor, na certeza de que conquistaremos a confiança de nossa comunidade e conseguiremos a indicação da pessoa que estiver à frente do Ministério da Saúde, independente de alinhamento político-partidário.

<b>INDICADORES NA GESTÃO DO IOC/FIOCRUZ (2005-2012)*</b>	2005	2012	Varição (2012/2005)
Laboratórios de pesquisa credenciados	69	71	1,03*
Servidores no quadro	464	642	1,4
Servidores + bolsistas + terceirizados	944	1132	1,2
Doutores no quadro de servidores	183	314	1,7
Serviços de Referência credenciados	25	30	1,2
Coleções Científicas institucionalizadas	10	21	<b>2,1</b>
Artigos totais no ano	316	479	1,5
Artigos em revistas com fator de impacto > 2	30	314	<b>10,4*</b>
Artigos em revistas com fator de impacto > 4	13	113	<b>8,7*</b>
Mestre e Doutores titulados	90	125	1,4
Número de programas de Pós-Graduação	4	6	1,5
Número de Programas de PG nota 7 na Capes	0	2	<b>2,0</b>
Bolsistas de graduação (IC e EC)	216	467	2,1
Egressos do Programa de Vocaçao Científica	50	72	1,4
Número de matrículas ativas nos cursos	634	767	1,2
Fator de Impacto da revista Memórias do IOC	0,74	2,138	<b>2,8</b>
% de habilitação nos Serviços de Referência auditados	--	100	
Execução orçamentária direta em milhões de reais	16,6	38,8	<b>2,3</b>
Execução orçamentária direta em milhões de dólares	5,6	19,5	<b>3,5</b>

\*Sem ampliar o número de laboratórios credenciados, mas com boa gestão e investimento no desenvolvimento das pessoas do IOC, todos os indicadores de atuação do Instituto melhoraram. Fonte: relatórios de gestão do IOC

### **RESUMO QUANTITATIVO DO CURRÍCULO**

<p><b>Titulação</b> Acadêmica: Graduação: Medicina UFRJ/ 1980 (IC: 1976-1980)  Pós-graduação: Mestrado em Ciências UFRJ/ 1983; Doutorado em Ciências UFRJ/ 1987;  Pós-doutorado ULB/Bélgica/INSERM-França,1990</p> <p><b>Orientações concluídas:</b> 76 (dout:20; mest:23; pós-doutorado:7; especial: 9; graduação/IC: 17)</p> <p><b>Orientações em andamento:</b> 14 (dout: 11, sendo 4 co - orientações; mest: 3 co-orientações)</p> <p><b>Trabalhos indexados publicados:</b> 132; Teses publicadas: 02;</p> <p><b>Capítulos de livros:</b> 39; Livros organizados: 05; Resumos em congressos: mais de 200;  Documentos protegidos por registro de direitos autorais: 5</p> <p><b>Projetos aprovados (1984-2016): mais de 80</b>  Organização de eventos: mais de 20; Cursos regulares organizados e coordenados: mais de 20</p> <p><b>Pós-graduação:</b> docente permanente em 2 programas na Fiocruz, colaboradora em outros 2, implantou e coordenou um programa e coordena toda a Área de Ensino na CAPES</p> <p><b>Participação em bancas:</b> Teses e monografias: 90; Concursos e cursos: 23</p> <p><b>Linhas atuais de pesquisa para o SUS:</b> (1) <i>Imunoterapias e biomarcadores na doença de Chagas:</i> Pesquisas pré-clínicas (em modelos experimentais) e clínicas (em pacientes) sobre inovações em quimio- e imunoterapias para correção dos desequilíbrios na relação parasita-hospedeiro na doença de Chagas, com base racional nas características e nos mecanismos inflamatórios agudos e crônicos, oxidativos e de vias de citotoxicidade que concorrem para a doença cardíaca e gastro-intestinal, com vistas ao desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas para cardiopatias crônicas infecciosas ou não. (2) <i>Promoção da Saúde com Ciência, Arte e Alegria:</i> desenvolvimento conceitual, empírico e prático, de novas estratégias, metodologias e instrumentos para educação em saúde e em biociências, com base na pesquisa de concepções de alunos, professores e pacientes sobre temas diversos em Ciência e Saúde, com vistas ao desenvolvimento de tecnologias sociais e de materiais inovadores a serem aplicados em educação e promoção da saúde em espaços do Sistema Único de Saúde, no ensino de ciências em Escolas, Centros e Museus de ciência.</p> <p><b>Línguas:</b> português nativo, inglês e francês fluentes, italiano e espanhol compreendidos.</p>
---